

A PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO PROCESSO DE ESCOLHA PROFISSIONAL NA ADOLESCÊNCIA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Rodrigo da Silva Almeida¹

Maria Sônia da Silva Crispim²

Lirani Firmo Da Costa Souza³

Vanderlúcia Felix Amorim Silva⁴

Mônica Melo Gomes do Nascimento⁵

Psicologia



ISSN IMPRESSO 1980-1785
ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

RESUMO

A Orientação Profissional (OP), sendo um processo que visa auxiliar os sujeitos com dúvidas relacionadas à carreira profissional e avaliar características pessoais com vistas a realizar escolhas profissionais e a adolescência ser um período do desenvolvimento humano caracterizado por inúmeras mudanças físicas, psicológicas, sociais, nas relações familiares, com os amigos e na escola; a escolha profissional nessa faixa etária pressupõe, então, o surgimento de ansiedades, conflitos e angústias inerentes a esse processo. O processo de OP pode e deve contribuir de forma benéfica para dirimir as possíveis dúvidas e questionamentos inerentes à escolha profissional. Portanto, a OP é uma ferramenta importante que pode corroborar para a construção de uma identidade profissional coesa, com metas e compromissos de papel o mais claro possível.

PALAVRAS-CHAVE

Orientação Profissional. Adolescência. Psicologia Sócio-Histórica.

ABSTRACT

Being the Professional Orientation (OP) a process that aims to assist the subjects with doubts related to the professional career and to evaluate personal characteristics with a view to making professional choices and adolescence being a period of human development characterized by innumerable physical, psychological, and social changes in the family relationships, with friends and at school; the professional choice in this age group presupposes the emergence of anxieties, conflicts and anxieties inherent to this process. The PB process can and should contribute in a beneficial way to solve the possible doubts and questions inherent in the professional choice. Therefore, PB is an important tool that can corroborate the construction of a cohesive professional identity, with clear goals and commitments as clear as possible.

KEYWORDS

Professional Orientation. Adolescence. Socio-Historical Psychology.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Basso (2008) escolher uma profissão é, talvez, uma das decisões mais importantes na vida de um indivíduo, uma vez que o ser humano é valorizado socialmente pela atividade que exerce, e sua identidade pessoal está muito ligada ao que faz profissionalmente. Quando se conhece uma pessoa, por exemplo, logo se quer saber com o que ela trabalha, pois assim se poderá ter uma ideia de seu estilo de vida, dos seus gostos e das suas habilidades.

A dúvida na opção de qual profissão escolher é muito frequente na adolescência, uma vez que se constitui num período de transição entre a infância e a fase adulta, sendo caracterizada por mudanças fundamentais que irão definir o indivíduo na sua estrutura e na constituição de sua personalidade. Por serem muito rápidas e intensas, essas mudanças costumam vir acompanhadas de questionamentos e conflitos (SPACCAQUERCHE; FORTIM, 2009). Consequentemente, a escolha de uma profissão frequentemente acaba se tornando uma preocupação que aflige jovens, família e educadores, sendo importante que a Psicologia auxilie esses indivíduos nesse momento de escolha de uma profissão por meio da Orientação Profissional (OP).

A OP além de auxiliar as pessoas no momento da escolha ou redefinição da profissão bem como também os adolescentes, serve também para adultos que não se sentem satisfeitos com a sua atual profissão estando desmotivados, tendo como opção em investir numa nova carreira, ou caso contrário satisfeitos, querem progredir na mesma investindo em outra que se vincule com a da sua progressão.

2 ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL (OP): UM BREVE PROCESSO HISTÓRICO

A Orientação Profissional (OP) é um processo que tem como finalidade auxiliar os sujeitos com dúvidas no que se refere à carreira profissional e avaliar características pessoais, com vistas a realizar escolhas profissionais. Então, o processo de orientação profissional, essencialmente, visa ajudar os sujeitos a identificarem suas preferências, obtenham informações sobre as diferentes áreas profissionais e explorem suas escolhas (FOLMER-JOHNSON, 2000; SPARTA; BARDAGI; TEIXEIRA, 2006).

No Brasil, a OP é entendida como a ajuda para tomada de decisão em momentos específicos, como, por exemplo, a passagem de um ciclo educativo a outro, a transição dos estudos ao mundo do trabalho; mudança de ocupação ou emprego ou preparação e adaptação para a aposentadoria (FOLMER-JOHNSON, 2000; SPARTA; BARDAGI; TEIXEIRA, 2006; GODOY *et al.*, 2008). Utiliza-se de instrumentos psicológicos como os testes, entrevistas, entre outras, para orientar os jovens a escolhas profissionais coerentes com suas aptidões e com as características de sua personalidade (ABADE, 2005).

Segundo Folmer-Johnson (2000) o início do movimento de orientação profissional teve início nos Estados Unidos com Frank Parsons, assistente social que criou o serviço de orientação profissional na Associação Cristã de Moços, em Boston, em 1908, e com a publicação póstuma de seu livro, intitulado: "Escolhendo uma vocação". Para ele, a adaptação ao mundo do trabalho depende da harmonia entre as características do indivíduo e as exigências da ocupação.

A ideia que o indivíduo escolhe sua ocupação ou profissão a partir das condições sociais em que vive e em função de suas habilidades, aptidões, interesses e dons (vocação) não é uma ideia que sempre existiu. É algo que teve início quando se instalou na sociedade o modelo de produção capitalista. No capitalismo, o indivíduo liberta-se dos laços de sangue. Agora, ele precisa vender sua força de trabalho para sobreviver.

E, então, é nesse momento que a escolha da profissão se coloca como questão. Se tudo está nas mãos do indivíduo, o momento de sua escolha profissional torna-se de suma importância (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008, p.314). Que segundo Spaccaquerche e Fortim (2009, p. 34), "[...] o processo de escolha [...] vai muito além do mercado de trabalho, ou das variáveis psicossociais que estão presentes na vida do orientando".

Não esquecendo que, conforme os testes psicológicos foram se popularizando, Persons passou a utilizá-los para definir as características pessoais do orientando: interesses, personalidades, aptidões e até a inteligência, estes foram os princípios comuns que nortearam o processo (SPARTA, 2003; SPARTA; BARDAGI; TEIXEIRA, 2006). Assim, o desenvolvimento da OP ocorreu de forma brusca e repentina, apoiado no desenvolvimento das ciências humanas, especialmente de Psicologia, ciência que lhe conferiu posição e instrumentos para sua prática (FOLMER-JOHNSON, 2000).

Consequentemente, no início a OP era um processo fortemente diretivo, onde o orientador tinha como objetivos fazer diagnósticos e prognósticos do avaliando e, com base nesses procedimentos, indicar a ele profissões ou ocupações apropriadas (SPARTA, 2003). Todavia, no início da década de 1960, a partir da segunda década do século XX houve uma grande mudança de paradigma, pois a metodologia de diag-

nosticar e aconselhar, utilizando como instrumentos os testes psicológicos estava sendo substituída pelo auxílio ao autoconhecimento, influência de Carl Rogers nos Estados Unidos e à focalização de aspectos inconscientes e psicodinâmicos, influência de Sigmund Freud na Europa (ABADE, 2005).

Como reflexo disso, o processo de OP passou a valorizar menos o uso de testes e voltou a trabalhar com a noção de autoconhecimento. A partir da década de 1970, houve também uma mudança de paradigma na OP brasileira, que passou a ser influenciada pelas teorias evolutivas, principalmente a de Super, pelo Aconselhamento Psicológico não diretivo de Carl Rogers e pela valorização da Psicologia Clínica, que acompanhou a criação dos cursos de Psicologia e pelo surgimento da Abordagem Clínica de OP de Rodolfo Boholavsky em 1977 (SPARTA; BARDAGI; TEIXEIRA, 2006).

No início da década de 1980, a Psicologia, buscou se redefinir e as práticas de OP também. O momento de transição do regime militar para uma democracia estava favorecendo esse questionamento. Nessa década, a OP passou a ser discutida enquanto processo no qual a escolha é multideterminada, a profissão e o indivíduo têm caráter dinâmico e o coordenador o papel de informar e compreender a realidade psíquica dos indivíduos (ABADE, 2005).

Em 1993 foi criada a Associação Brasileira de Orientação Profissional (ABOP), um marco histórico importante para a OP, já que esta associação objetiva consolidar um espaço onde exista a possibilidade de construção da identidade do orientador profissional, bem como representa a possibilidade de organização da categoria e a definição de políticas para este campo de atividades no Brasil (ABADE, 2005).

De acordo com Sparta, Badargi e Teixeira (2006), o mundo do trabalho e da formação profissional mudaram, conseqüentemente os indivíduos e suas necessidades também não são mais os mesmos. Isso acabou repercutindo na necessidade dos profissionais que trabalham com OP analisarem as variáveis atualmente relevantes para a escolha profissional e para o desenvolvimento da carreira, a fim de que possam aperfeiçoar a eficácia desse tipo de intervenção (SPARTA; BARDAGI; TEIXEIRA, 2006).

Além disso, é por volta dos 17-18 anos que milhares de jovens, todos os anos, se veem na iminência de fazer uma escolha profissional e ingressar no ensino superior e em cursos profissionalizantes, tendo em vista existir uma demanda pela qualificação no mercado de trabalho, pela necessidade da subsistência e para manter ou melhorar suas condições sociais (BASSO, 2008). Provavelmente fenômeno é mais comum na adolescência por esse ser um período do desenvolvimento humano que é marcado pela busca de uma identidade, onde a OP pode ser decisiva, em um cenário de incertezas do ponto de vista do mercado de trabalho brasileiro.

3 A ADOLESCÊNCIA E O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

A palavra Adolescência, do ponto de vista etimológico, origina-se do verbo latino *adolescere*, que significa brotar, crescer, fazer-se grande. Esse período é uma fase de grandes mudanças que acarretam mudanças no desenvolvimento (ALMEI-

DA; PINHO, 2008), dentre elas no desenvolvimento da sua personalidade, marcada por uma espécie de metamorfose, cujo pensamento é transformar a criança em adultos, necessitando de um ambiente que proteja e direcione o caminho a seguir na vida (BASSO, 2008), podendo representar, também, um período crítico e turbulento (DAVIDOFF, 2001).

Para Bock, Furtado e Teixeira (2008) fundamentados na perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica, em épocas anteriores das sociedades ocidentais (e em alguns países em desenvolvimento ainda hoje), a adolescência era apenas um breve interlúdio entre a dependência da infância e as responsabilidades da vida adulta. As posições e responsabilidades eram conferidas pouco depois da maturidade sexual, muitas vezes caracterizada por uma iniciação elaborada. O “novo adulto” então trabalhava, casava e tinha filhos.

Entretanto, com a melhoria na nutrição a maturidade sexual começou a ocorrer antes. E graças à escolarização obrigatória, a independência adulta passou a ocorrer um pouco mais tarde. Consequentemente, o breve interlúdio entre maturidade biológica e independência social se alargou para um intervalo considerável, intervalo que ficou conhecido como adolescência. Além disso, a duração da adolescência e o grau em que ela está associada a rupturas sociais e psicológicas varia muito de uma sociedade para a outra (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008).

Papalia e Feldman (2013), corroborando com os autores acima, acrescentam que antes do século XXI não existia o conceito de adolescência; nas culturas ocidentais as crianças entravam para o mundo adulto quando amadureciam fisicamente ou quando começavam um aprendizado profissional. Nos dias de hoje, ao contrário disso, o ingresso na vida adulta leva mais tempo e é menos definido.

O reflexo disso é que com a puberdade ocorrendo muito mais cedo do que anteriormente, o início da vida profissional tende a ocorrer mais tarde em sociedades complexas, que exigem períodos mais longos de educação ou treinamento profissional para que o sujeito possa assumir as responsabilidades da vida adulta. Diante disso, de um modo geral, a Adolescência tem início com a puberdade, período do desenvolvimento humano em que alguém está amadurecendo sexualmente considerada uma ponte entre a infância e a fase adulta (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

De acordo com a teoria da identidade do psicanalista Erik Erikson (1902-1994), a adolescência é um período crucial para a formação da identidade do sujeito e sua passagem dependerá das condições inatas do indivíduo, das condições que teve para desenvolvê-las, das experiências emocionais vivenciadas, dos pais que teve e da cultura passada na infância. Na busca de ultrapassar esse estágio o sujeito tenta integrar o seu passado e o seu futuro, dessas tentativas resultarão em sentimentos de identidade (BASSO, 2008). Erikson ainda considerou a necessidade de responder a pergunta: “Quem sou eu?”, considerada a tarefa mais importante durante essa fase da vida, nisso consistindo a célebre crise de identidade de que fala Erikson (SCHULTZ; SCHULTZ, 2015).

Segundo Feist, Feist e Roberts (2015) a confusão de identidade é uma síndrome de problemas que inclui uma autonomia dividida, incapacidade para estabele-

cer intimidade, senso de urgência, falta de concentração em torno de atividades necessárias e rejeição dos padrões familiares ou comunitários, confusão de identidade que é considerada “normal” de e necessária. Isso porque os jovens precisam experimentar alguma dúvida e confusão em relação a quem são antes que possam desenvolver uma identidade estável. Além disso, o final da adolescência é um período de consolidação, quando o sujeito estabelece uma identidade nova coesa, com metas e compromissos de papel mais claros.

Portanto, no que se refere à escolha profissional, esta é uma das áreas em que ocorre o ajustamento, quando ocorre a ascensão aos papéis sociais adultos, alcançando sua identidade ocupacional ou profissional, considerado um aspecto da identidade do sujeito. Então, a profissão pode ser entendida a partir da interação entre o “dentro” e o “fora”, em um determinado contexto sócio-historicamente determinado; sendo nesse momento de transição do adolescente para o jovem adulto que comumente a escolha de uma profissão é feita (BASSO, 2008).

Diante disso, o presente artigo tem como objetivo discutir o processo de escolha profissional na adolescência a partir das contribuições da Psicologia Sócio-Histórica. Segundo Aguiar (2006), o homem é visto como ser social, de carne e osso e, com tal, constituído nas e pelas relações sociais. Este homem, além de produto da evolução biológica das espécies, é produto histórico, mutável, pertencente a uma determinada sociedade, estando em uma determinada etapa da evolução histórica.

4 METODOLOGIA

O presente artigo consiste numa revisão de literatura do tipo narrativa. Para Botelho, Cunha e Macedo (2011) este tipo de revisão de literatura irá trazer o chamado estado da arte sobre um assunto escolhido pelo pesquisador, levando em consideração uma determinada abordagem teórica. Então, consiste numa análise qualitativa da literatura, que permite adquirir informações atualizadas a respeito de algum tema em um período relativamente curto.

Então, foi realizada uma pesquisa assistemática a respeito da temática supracitada em livros, artigos, monografias, dissertações e teses, em buscas livres no google com o objetivo de obter um entendimento inicial sobre o objeto de pesquisa. Em seguida foi dado início ao processo de busca sistemática em bases de dados, onde foram selecionadas as seguintes bases: Scielo; Google Acadêmico e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDOT). Logo após foi feita a seleção dos descritores. Para isso, consultou-se o seguinte o banco: Descritores em Ciências da Saúde – DeCS¹, tendo sido adotados três descritores: Orientação Profissional; Adolescência e Psicologia Sócio-Histórica (COZBY, 2003; APPOLINÁRIO, 2009; RIBEIRO; MARTINS; LIMA, 2015).

Posteriormente foi feita a exploração das fontes e os refinamentos da pesquisa, objetivando obter uma quantidade de textos suficiente para a leitura, análise e construção do corpus da pesquisa. Percebeu-se que há um número bastante significativo

¹ Disponível no site: <<http://decs.bvs.br>>. Acesso em: 5 fev. 2018.

de pesquisas sobre a temática, o que viabilizou a compilação de um bom número publicações sobre este assunto (MEDEIROS, 2009; CRESWELL, 2010; RIBEIRO; MARTINS; LIMA, 2015).

Finalmente, as publicações foram selecionadas por análise qualitativa a partir da leitura do título, sumário e do índice remissivo (no caso dos livros); do resumo, das palavras-chave e do título (no caso dos artigos, dissertações e teses), sendo utilizados apenas aquelas produzidas a partir do ano 2000 em diante. Tal medida foi tomada no intuito de trazer as informações mais recentes sobre a temática supracitada. Assim, foram utilizados ao todo nesta pesquisa 27 referências.

5 A PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO PROCESSO DE ESCOLHA PROFISSIONAL NA ADOLESCÊNCIA

A Psicologia Sócio-Histórica é uma abordagem crítica da Psicologia Social que está fundamentada no pensamento de Lev Semenovitch Vigotski, cuja base é o materialismo histórico-dialético (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008), partindo da premissa de que um método implica em uma concepção de mundo, uma concepção de homem e uma concepção de conhecimento. Uma vez que tais concepções são construídas social e historicamente, é possível observar o caráter histórico do método. Já o aspecto dialético refere-se ao movimento de concretude das ações do ser humano, permeada pelas condições já existentes social e historicamente. Então, a metodologia está embasada na noção de historicidade, refletindo questões concretas presentes na vida material dos indivíduos (GONÇALVES, 2009; OLIVEIRA, 2011).

Escolher uma profissão significa escolher uma atividade laboral à qual será dedicada boa parte da vida futura; processo considerado difícil e no qual estão implicados uma multiplicidade de fatores sociais, econômicos, políticos, familiares e psicológicos. Devido a isso, a escolha se torna ambígua, uma vez que de um lado há muito medo de errar e fracassar; do outro existe o entusiasmo e a busca pelo sucesso. Tudo isso acaba implicando em riscos, que requerem perdas e ganhos; pois escolher implica em priorizar, mudar de posição (BASSO, 2008),

O processo de escolha de uma profissão se inicia já na infância por meio da identificação com os modelos parentais e pode estender-se até a velhice, sendo resultante da interação entre os desejos e/ou conhecimentos individuais e as solicitações da cultura social, econômica e familiar. Diante das exigências do mercado de trabalho, cada vez mais precocemente o adolescente precisa fazer uma escolha profissional e, assim, direcionar a trajetória de sua vida futura relação produtiva com o mundo (BASSO, 2008). Ou seja, a escolha de uma profissão não está focalizada unicamente no sujeito, mas também está intimamente atrelada ao contexto em que ele vive (RIBEIRO, 2016).

A adolescência é um período do desenvolvimento humano caracterizado por inúmeras mudanças físicas, psicológicas, sociais, nas relações familiares, com os amigos e na escola. Essas mudanças se intensificam com o momento da escolha pro-

fissional, a qual pode ser repleta de dificuldades, conflitos e angústias (BASSO, 2008). Isso pode originar inúmeros questionamentos:

[...] O que fazer? Fazer um curso universitário ou não? Se optar pelo ingresso na universidade, qual curso escolher? Ao escolher, será que tenho aptidão? Vou gostar do curso? É isso que o que eu realmente quero? E se eu mudar de ideia quando entrar na faculdade? [...] (BASSO, 2008, p. 10).

Segundo Almeida e Pinho (2008) quando um adolescente se depara com a escolha de uma profissão, não estão apenas em jogo seus interesses e aptidões, mas também a forma como ele enxerga o universo, os conhecimentos que possui acerca das profissões, as influências externas advindas do meio social, dos pares, e especialmente, de sua família.

De acordo com Basso (2008) no Brasil, a escolha profissional e, consequentemente, o ingresso na universidade, ocorrem, prematuramente, por volta dos 16-17 anos de idade. Presume-se que essa ocorrência prematura, associada às poucas informações a respeito das profissões acarrete em elevados índices de abandono e substituição de cursos nas universidades. Entretanto, para que seja feita uma escolha profissional assertiva faz-se necessária a existência de uma capacidade de adaptação, interpretação e juízo da realidade, discriminação e hierarquização dos objetos e capacidade para esclarecer a ambiguidade e tolerar a ambivalência nas relações de objeto.

Isso mostra que escolher qual profissional ser futuramente não constitui uma tarefa fácil, uma vez que envolve riscos. Todavia, a escolha profissional assume uma grande importância na vida dos indivíduos e essa escolha precisará ser feita em algum momento, uma vez que ela faz parte da construção da identidade profissional (BASSO, 2008). Isso quer dizer que quando se trata da escolha profissional o adolescente deve optar não só por um curso ou por uma atividade de trabalho, mas também por um estilo de vida, uma rotina, o ambiente do qual fará parte. Ou seja, não decidirá apenas o que fazer, mas também o que ele quer ser (ALMEIDA; PINHO, 2008).

Além disso, os questionamentos sobre a identidade pessoal e profissional e os projetos de futuro ocorrem geralmente entre as idades de 15 e 24 anos, período compreendido pelas Nações Unidas como a juventude, cuja idade pode variar de país para país. A juventude é caracterizada por mudanças familiares, como a saída de casa, autonomia, independência e, sociais, como o ingresso no mercado de trabalho, envolvimento com questões políticas. Nesse período, também, é comum o ingresso de muitos jovens no ensino superior, sendo 10% da população brasileira entre 18 e 24 anos (BASSO, 2008).

No momento em que está sendo feita a escolha da orientação profissional, e começa-se a trabalhar um aspecto fundamental da identidade: O que sou? O que quero ser? E que lugar ocupar na sociedade? A identidade profissional de um jovem vai sendo adquirida, na medida em que este consegue integrar suas distintas identidades e define o que deseja fazer, de que forma e em qual contexto (BASSO, 2008).

Nos dias atuais, a multiplicidade de profissões, a dificuldade de inserção no mercado de trabalho e as exigências familiares e sociais quanto à escolha e atuação profissional têm levado muitos adolescentes a se sentirem pressionados e inseguros em sua escolha profissional. Isso porque é exigido deles o máximo de competência e responsabilidade, o que tem os levado a se sentirem amedrontados e angustiados por não conseguirem superar as expectativas demandadas pela família e/ou pela sociedade, principalmente, por não conseguirem concretizar os seus desejos (BASSO, 2008). Então, diante das implicações da escolha profissional, a adolescência pressupõe então o surgimento de conflitos, ansiedade, elaboração de lutos, uma vez que escolher implica em renunciar algumas coisas (ALMEIDA; PINHO, 2008).

Além disso, o sujeito, ao escolher sua profissão não é totalmente livre, uma vez que sofre muitas influências originadas dos ambientes: familiar, social, amizades, escola, mídia, como também não é totalmente submisso diante da escolha. Diante disso, é importante o autoconhecimento, de estar bem claro quanto às próprias preferências pessoais e profissionais, perceber e trabalhar as influências familiares e sociais quando se for realizar uma escolha profissional, além de procurar ter conhecimentos sobre as profissões e sobre o mundo do trabalho (BASSO, 2008).

Quando o sujeito faz a sua escolha profissional, busca conciliar as suas características pessoais com as características da profissão. Nesse sentido, a indecisão profissional pode ser compreendida como uma cristalização insuficiente dos interesses, impedindo que o sujeito especifique sua escolha profissional. Uma possível explicação para essa indecisão pode ser a existência de uma identidade difusa, pouco estruturada e organizada, dificultando uma escolha mais específica (BASSO, 2008).

Para Basso (2008) apesar das mudanças que ocorrem na Adolescência e as dificuldades sociais, familiares, econômicas, pessoais, o sujeito consegue realizar uma escolha, de acordo com as condições e o momento da vida no qual se encontra. Quando o adolescente faz a opção pelo ingresso na universidade, ele se depara com uma nova fase de mudanças e adaptações que marcam a sua entrada no mundo adulto: mudança de cidade, de amigos, afastamento da família, entrada no mercado de trabalho, adaptação à universidade e ao curso, a exigência de responsabilidade e maturidade. Nesse processo, geralmente os sujeitos podem sentir dificuldades no momento da escolha ou no ajustamento ao mercado de trabalho. Entretanto, isso não acontece obrigatoriamente com todos os jovens, pois alguns deles conseguem elaborar e executar os seus planos de forma compensatória.

Outro aspecto importante é o fato de que escolher uma profissão e ingressar numa universidade não significa necessariamente o fim dos conflitos relacionados à escolha profissional, uma vez que, durante o percurso acadêmico, muitos universitários vivenciam momentos de insegurança e dúvida em relação ao curso escolhido (BASSO, 2008), como: "Será que fiz a escolha certa? Tenho o perfil? Essa profissão tem a ver comigo? Qual a relação dessa disciplina com o curso? Vou conseguir uma vaga no mercado de trabalho? Devo prosseguir ou desistir? [...]" (BASSO, 2008, p. 12).

Junqueira (2010) acrescenta que o jovem que aspira à universidade, terá que enfrentar a complexidade das mudanças econômicas, sociais e culturais do final do

século XX e do início do século XXI. Também terá pela frente várias possibilidades de escolha e a dificuldade de diferenciar as atividades inerentes a cada uma das carreias existentes atualmente, o que amplia consideravelmente a insegurança no momento da escolha da profissão que pretenderá seguir (JUNQUEIRA, 2010).

Enfim, muitos sujeitos continuam com dúvidas, incertezas, querem desistir, trocar de curso. Porém ficam com medo de fazer isso por não querer desapontar a família ou sentem dificuldade em admitir que talvez fizeram a escolha errada o que implica em começar tudo de novo. Esses conflitos podem ser experienciados de formas distintas no início, no meio ou no fim do curso. No início é caracterizado por uma fase de adaptação dos alunos ao curso escolhido e à vida universitária (BASSO, 2008).

Em meio ao curso o sujeito começa a sentir a responsabilidade social do papel profissional a ser desempenhado por ele, não se sentindo preparado para assumi-lo a essa altura. Também, é comum nessa fase a necessidade de fazer opções dentro de uma mesma profissão. Finalmente, o final do curso é o momento crítico, quando os seus questionamentos refletem o grande medo de sair da universidade; isso ocorre devido estarem na condição de estudantes e formadores de sua identidade profissional, sentindo-se assustados em relação às mudanças e às (im) possibilidades de inserção no mercado de trabalho (BASSO, 2008), sem deixar de mencionar que sua inserção no mercado de trabalho está cada vez mais difícil (NEIVA; CAIRES; SOUZA, 2010).

Consequentemente, é nesses momentos de crises que ocorrem as evasões, transferências e trancamento de cursos, caracterizando-se por iniciativas dos alunos de interromper ou alterar sua relação com as atividades acadêmicas. Diante disso, percebe-se que a escolha da profissão é um ato muito importante da vida do sujeito, superando em importância qualquer outra decisão, uma vez que abrange ao mesmo tempo, o ambiente de vida, as possibilidades internas e externas de desenvolvimento, as circunstâncias materiais, as probabilidades de progresso, o nível cultural, a duração da saúde, as futuras circunstâncias familiares, a dependência ou independência profissional e a posição social. A profissão é a base do bem-estar e fonte principal de felicidade ou infelicidade, contentamento ou descontentamento (BASSO, 2008).

Além disso, sabendo-se que a escolha de uma profissão é um processo muito importante para os indivíduos, principalmente quando se sabe que o público que mais está envolvido nesse processo são os adolescentes, ainda existe pouca preocupação da escola, da família, e, preparar, orientar os alunos e filhos para a escolha de uma profissão, a pensar e refletir sobre a realidade social, cultural, histórica, também profissional. Isso tem repercutido nas escolhas que o sujeito faz, muitas vezes, de forma ocasional e desarticulada, dificultando ou até incapacitando a formulação de projetos profissionais consistentes (BASSO, 2008).

Do ponto de vista ético, Spaccaquerche e Fortim (2009) ressaltam que é fundamental que a OP seja baseada no sigilo, na privacidade e no respeito pelo ser humano, onde, neste serviço deverá ser ofertada uma escuta clínica atenta. Então, é necessário que o livre-arbítrio do sujeito seja respeitado, uma vez que o orientador será um facilitador nesse processo decisivo, cuja escolha final é feita pelo adolescente, devendo ele estar ciente da importância de se responsabilizar por suas escolhas.

Portanto, a escolha profissional é um período de busca de si mesmo, de crises e questionamentos, no qual o sujeito busca uma identidade, sendo uma decisão necessária, mas que por vezes se torna muito difícil. Assim, não é uma escolha que afeta somente ao indivíduo e à sua família, mas repercute profundamente na comunidade e na sociedade da qual esse faz parte, o que mostra a importância de mais pesquisas em torno dessa temática.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A OP, sendo um processo que tem como finalidade auxiliar os sujeitos com dúvidas no que se refere à carreira profissional e avaliar características pessoais, com vistas a realizar escolhas profissionais e adolescência é um período do desenvolvimento humano caracterizado por inúmeras mudanças físicas, psicológicas, sociais, nas relações familiares, com os amigos e na escola, a escolha profissional nessa faixa etária pressupõe então o surgimento de ansiedades, conflitos e angústias inerentes a esse processo.

Todavia, apesar das mudanças que ocorrem na Adolescência e as dificuldades sociais, familiares, econômicas, pessoais, o sujeito pode realizar uma escolha assertiva, de acordo com as condições e o momento da vida no qual ele se encontra, desde que tenha o apoio e a orientação adequados.

Então, é importante que esse público se submeta a um processo de Orientação Profissional a fim de que receba ajuda para que possa identificar suas preferências, obter informações sobre as diferentes áreas profissionais, sobre o mundo do trabalho e poder explorar suas escolhas, para que possam, também, perceber e trabalhar as influências familiares e sociais quando for realizar a sua escolha profissional, para que possam construir uma identidade profissional coesa, com metas e compromissos de papel o mais claros possível.

REFERÊNCIAS

ABADE, F. L. Orientação profissional no Brasil: uma revisão histórica da produção científica. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, Belo Horizonte, v. 6, n. 6, p. 15-24, jun. 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbop/v6n1/v6n1a03.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2018.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira. A escolha na orientação profissional: contribuições da psicologia sócio-histórica. **Psicol. educ.**, São Paulo, n. 23, dez. 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752006000200002. Acesso em: 30 set. 2018.

ALMEIDA, M. E. G. G.; PINHO, L. V. Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 173-184, jun. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php>. Acesso em: 22 mar. 2018.

APPOLINÁRIO, F. **Dicionário de metodologia científica**: um guia para a produção do conhecimento acadêmico. São Paulo: Atlas, 2009. p. 155.

BARROS, C. S. G. **Pontos de psicologia do desenvolvimento**. 12. ed. São Paulo: Ática, 2005. p. 94-95.

BASSO, C. **Escolha profissional**: estudantes universitários em crise durante as fases intermediárias da formação acadêmica. 2008, 100f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2008. Disponível em: instserop.wordpress.com. Acesso em: 13 mar. 2018.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2008. p. 296-307.

BOCK, A. N. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO O. **Psicologia Sócio-histórica**: uma perspectiva crítica em Psicologia. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

BOTELHO, L. L. R.; CUNHA, C. C. A.; MACEDO, M. O Método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 5, n. 19, p. 121-136, nov. 2011. Disponível em: www.gestaosociedade.br. Acesso em: 24 fev. 2018.

COZBY, P. C. **Métodos de pesquisa em ciências do comportamento**. São Paulo: Atlas, 2003.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 48-75.

DAVIDOFF, L. L. **Introdução à psicologia**. São Paulo: Pearson Makron Books, 2001. p. 464-469.

FEIST, J.; FEIST; ROBERTS, T. **Teorias da personalidade**. 8. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2015. p. 255-257.

FOLMER-JOHNSON, M. C. **Projeto pessoal de vida & trabalho**: a orientação profissional na perspectiva de orientadores e orientandos. 2000. 130f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, 2000. Disponível em: <http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/1215/1/pdf>. Acesso em: 12 mar. 2018.

GODOY, S. *et al.* Instrumentos de inteligência e interesses em orientação profissional. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 13, n. 8, p. 75-81, abr. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-2. Acesso em: 16 mar. 2018.

GONÇALVES, M. G. M. Fundamentos metodológicos da psicologia sócio-histórica. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M. (org.). **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia**. 4. ed. Cortez, 2009. p. 126.

JUNQUEIRA, M. L. **Maturidade para a escolha da carreira em adolescentes de um serviço de orientação profissional**. 2010.215f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2010. Disponível em: www.usp.br/def.pdf. Acesso em: 12 mar. 2018.

MEDEIROS, J. B. **Redação científica: a prática de fichamentos, resumos e resenhas**. 11. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

NEIVA, K. M. C.; CAIRES, F. A.; SOUZA, T. M. Orientação de jovens para a inserção no mundo de trabalho. In: NEIVA, K. M. C. *et al.* **Intervenção Psicossocial: aspectos teóricos, metodológicos e experiências práticas**. São Paulo: Vetor, 2012. p. 61-90.

OLIVEIRA, L. R. **O Significado do trabalho para a juventude – um estudo sócio-histórico com adolescentes ricos**. 2011. 110f. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/Liara%20Rodrigues%20de%20Oliveira.pdf>. Acesso em 11 jan. 2018.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. 13. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013. p. 396-397.

RIBEIRO, M. A. T. Para quem da clínica ampliada. In: LANG, C. E. *et al.* (org.). **Clínicas: pesquisas em saúde, psicanálise e práticas psicológicas**. Maceió: Edufal, 2016. p. 173-188.

RIBEIRO, M. A. T.; MARTINS, M. H. M.; LIMA, J. M. A Pesquisa em base de dados: como fazer? In: LANG, C. E. *et al.* (org.). **Metodologias: pesquisas em saúde, clínica e práticas psicológicas**. Maceió: Edufal, 2015. p. 61-83.

SCHULTZ, D. P.; SCHULTZ, S. E. **Teorias da personalidade**. 10. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2015. p. 183-184.

SPACCAQUERCHE, M. E.; FORTIM, I. **Orientação profissional passo a passo**. São Paulo: Paulus, 2009.

SPARTA, M. O Desenvolvimento da orientação profissional no Brasil. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, Porto Alegre/RS, v. 4, n. 2, p. 1-11, jun. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbo.pdf>. Acesso em: 2 jan. 2018.

SPARTA, M. BARDAGI, M. P.; TEIXEIRA, M. A. P. Modelos e instrumentos de avaliação em orientação profissional: perspectiva histórica e situação no Brasil. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, Porto Alegre/RS, v. 7, n. 2, p. 19-32, dez. 2006. Disponível em: pepsic.bvsalud.org/scielo.php?scrip. Acesso em: 2 jan. 2018.

Data do recebimento: 30 de julho de 2018

Data da avaliação: 9 de dezem de 2018

Data de aceite: 12 de dezembro de 2018

1 Graduando do curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL.

E-mail: rodrigoalmeida1122@hotmail.com

2 Graduanda do curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL.

E-mail: soniacrispim1122@gmail.com

3 Graduanda do curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL.

E-mail: liranisouza@hotmail.com

4 Egressa do curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL.

E-mail: vanderluciafelix.psi@gmail.com

5 Mestra em Sociologia pela UFAL; Docente do Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL.

E-mail: melomonica@gmail.com